

# O Lobolo no Sul de Moçambique: uma convergência entre a modernidade e a tradição

Victor Simoes Henrique<sup>1\*</sup>  Nheleth das Algas Ratibo<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Save - Moçambique

<sup>2</sup> Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique

\*Autor de correspondência: [bhvictorsimoes@gmail.com](mailto:bhvictorsimoes@gmail.com)

## RESUMO

O Lobolo é um casamento tradicional praticado no Sul de Moçambique, que consiste na entrega de bens materiais e valores monetários à família da noiva para realizar uma união reconhecida entre os parentes do noivo e os parentes da noiva. Esta prática sociocultural mostra-se dinâmica, transformando-se e reinventando-se ao longo do tempo, assumindo diversos contornos, podendo estar inserido no conflito entre a "tradição" e a "modernidade". O Lobolo resistiu no tempo, tendo sido desencorajado tanto pelas autoridades coloniais, defensoras de um casamento monogâmico e o desencorajamento continuou no governo de Moçambique, logo após a Independência Nacional em 1975, e foi considerada uma prática retrógrada, contra os ideais revolucionários. São objectivos do estudo: mostrar o carácter resiliente do Lobolo às pressões políticas, tanto no período colonial, quanto no período pós-independência e apresentar as percepções sociais sobre a sua vitalidade no tempo. Metodologicamente: usou-se a revisão da literatura específica do tema, combinando com as entrevistas semiestruturadas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Emancipação  
Empoderamento  
Lobolo

## ABSTRACT

Lobolo is a traditional marriage practiced in Southern Mozambique, which consists of the delivery of material goods and monetary values to the bride's family to create a recognized union between the groom's relatives and the bride's relatives. This socio-cultural practice appears to be dynamic, transforming and reinventing itself over time, taking on different forms, and may be part of the conflict between "tradition" and "modernity". Lobolo has endured over time, having been discouraged by colonial authorities, defenders of monogamous marriage, and the discouragement continued in the government of Mozambique shortly after National Independence in 1975, and was considered a retrograde practice, against revolutionary ideals. The objectives of the study are: To show the resilient character of Lobolo to political pressures, both in the colonial period and in the post-independence period; Present social perceptions about their vitality over time. Methodologically: a review of the specific literature on the topic was used, combining it with semi-structured interviews.

## KEYWORDS:

Emancipation  
Empowerment  
Lobolo

## RESUMEN

Lobolo es un matrimonio tradicional practicado en el sur de Mozambique, que consiste en la entrega de bienes materiales y valores monetarios a la familia de la novia para crear una unión reconocida entre los familiares del novio y los familiares de la novia. Esta práctica sociocultural parece ser dinámica, transformándose y reinventándose con el tiempo, adoptando diferentes formas y puede ser parte del conflicto entre "tradicón" y "modernidad". Lobolo ha perdurado en el tiempo, habiendo sido desanimado tanto por las autoridades coloniales, defensoras del matrimonio monógamo, como el desánimo continuó en el gobierno de Mozambique poco después de la Independencia Nacional en 1975, y fue considerado una práctica retrógrada, contraria a los ideales revolucionarios. Los objetivos del estudio son: Mostrar el carácter resiliente de Lobolo a las presiones políticas, tanto en el período colonial como en el post-independencia; Presentar percepciones sociales sobre su vitalidad a lo largo del tiempo. Metodológicamente: se utilizó una revisión de la literatura específica sobre el tema, combinándola con entrevistas semiestruturadas.

## PALABRAS-CLAVE:

Emancipación  
Empoderamiento  
Lobolo

## 1. Introdução

O lobolo é uma prática social, também designada de casamento tradicional ou *Bridewealth* ou preço da noiva, e é muito praticada no sul de Moçambique, cuja principal função é estabelecer laços entre um homem e uma mulher pertencentes a grupos de parentesco diferentes. Inicialmente esta prática estava associada ao meio rural, considerada por isso uma forma tradicional de casamento, também considerado venda de mulher.

O lobolo é um ritual praticado no Sul de Moçambique desde os tempos mais recuados e sempre visou a união de um homem e uma mulher pertencentes a grupos familiares diferentes.

Na descrição do lobolo como uma prática social resiliente a corrosão do tempo e como um espaço de convergência entre a tradição e a modernidade, o presente artigo apoia-se na teoria estrutural-funcionalista de Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown (1973), segundo a qual cada fenômeno social deve ser interpretado dentro do seu próprio contexto de produção, e a cultura é formada por instituições e sempre cumpre uma determinada função na sociedade.

De acordo com os argumentos acima, o lobolo deve ser entendido no contexto cultural do sul de Moçambique e cumpre funções sociais tais como legitimação das relações conjugais, garantia da autoridade dos pais sobre os filhos, estabelecimento de vínculos familiares entre indivíduos etc.

A prática deste tipo de ritual tem apresentado uma certa evolução ao longo do tempo, sendo que para este estudo irei destacar dois períodos distintos, nomeadamente o período pré-colonial, a fase colonial e o período pós-colonial, com características distintas em cada um dos períodos.

Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com algumas mulheres loboladas e anciãos que participaram em muitas cerimônias de lobolo, os quais têm sido os guardiões morais desta prática. Recorreu-se ainda a consulta da bibliografia específica sobre o assunto com destaque para livros, artigos e revistas que abordam esta temática.

Ao longo do artigo foram explorados elementos como a evolução da prática do lobolo em Moçambique, os procedimentos da sua realização, as razões da sua persistência ao longo do tempo, as principais dimensões do lobolo, com destaque

para as dimensões física, espiritual e jurídica e, por último, foram descritos aspectos relacionados com a reconfiguração do lobolo.

## 2. Contextualização

Vários autores estudaram o lobolo tendo destacado alguns elementos comuns como legitimação da relação conjugal constituída pelo casal, comunicação com os espíritos ancestrais, compensação financeira aos familiares da noiva, oferta de presentes e entre vários outros aspectos que rodeiam a realização deste ritual.

Alguns autores como Aline Beatriz Miranda da Silva (2022), no seu artigo: *Lobolar, casar e presentear: notas sobre o lobolo em Moçambique*, destaca que o lobolo é uma cerimónia que valoriza espiritualidades, afetos e descendências, destaca ainda que mesmo com o processo da colonização, o lobolo nunca deixou de ser praticado.

De acordo com Junod (1996), *O lobolo ou lovolo*, praticado no Sul de Moçambique, é uma forma tradicional de aliança matrimonial dos *tsonga*. Consiste na oferta de uma compensação pelo grupo do noivo a um outro grupo, o da noiva, para que esta última reestabeleça o equilíbrio entre as famílias que compõem o clã, através da aquisição de um novo membro, uma mulher.

O autor argumenta ainda que esta cerimônia significa uma compensação à família da noiva pela perda de um membro que irá se juntar a uma outra família, afirmando que nesta cerimônia celebra-se o contrato entre dois grupos, a família do noivo e a família da noiva, por meio de perda e acréscimo de membros.

Por seu turno, Brigitte Bagnol (2008), no seu artigo intitulado: *Lovolo e Espíritos no Sul de Moçambique*, destaca que o Lovolo é um casamento costumeiro bem como os presentes que a parentela do noivo oferece a parentela da noiva. E, em Moçambique, a sua prática estava relacionada a população camponesa rural e analfabeta. A autora mostra ainda de que formas o lovolo conseguiu sobreviver e desenvolver num contexto urbano.

Os estudos realizados por Mussane (2009) e Fernandes (2018) destacam que, o lobolo é contraído pelo acordo entre dois grupos de pessoas, os parentes do homem e da mulher, constituindo uma aliança entre dois grupos baseada no

interesse comum na própria união e sua continuidade e nos filhos que serão naturalmente parentes de ambos os grupos.

De acordo com Simbine Júnior (2008), a palavra lobolo provém de *lowolo*, que significa resgatar, entregar algum valor e usa-se unicamente no caso da entrega do valor para selar o pacto matrimonial, estando patente nesta palavra *lovolo* a ideia de riqueza e valores.

Os autores citados apresentam algumas ideias convergentes em relação à prática do lobolo, nomeadamente o fato da existência de um homem e uma mulher pertencentes às famílias diferentes e que, por meio do pagamento do lobolo, selam a sua relação de marido e mulher.

Outro aspecto comum entre os autores é o envolvimento de bens materiais como meios de pagamento. Destacam ainda a necessidade de legitimação da relação por meio da cerimônia de evocação dos espíritos localmente conhecido por *ku pahla*.

### 3. Sua evolução

O lobolo é um ritual muito antigo na região sul de Moçambique e tem se mostrado uma prática em constante evolução em termos de procedimentos e objectos envolvidos na sua realização.

Nas entrevistas realizadas com alguns anciãos na cidade de Cidade de Xai-Xai, foi possível perceber que, inicialmente, o lobolo foi praticado usando instrumentos agrícolas como enxadas, produtos alimentares como *Tihaca*<sup>1</sup>, pulseiras e, mais tarde, passaram a ser utilizadas libras esterlinas, trazidas de Kimberley e Transvaal pelos trabalhadores das minas de diamantes e de ouro, depois que estes recursos foram descobertos e explorados nos finais do século XIX.

Quanto à utilização de valores monetários, importa destacar que, inicialmente, foram utilizadas moedas e mais tarde notas de papel<sup>2</sup>, em que as

---

<sup>1</sup> Fruto de cacana nome de momordica balsamina uma planta rastejante muito frequente no sul de Moçambique, utilizada como alimento e como medicamento para várias enfermidades, como sarampo, malária etc.

<sup>2</sup> Acredita-se que seja Reis, antiga moeda utilizada em Portugal antes da introdução do Escudo.

primeiras tinham figuras de leão e eram designadas *tipondo ta ncila*<sup>3</sup>. Depois introduziram notas com um tom avermelhado, designadas *ti mpedo ta ku psuka*<sup>4</sup>, e com a consolidação do domínio colonial português na região sul, foi introduzido o escudo para o pagamento do lobolo.

Com o passar do tempo, foi introduzido o gado bovino como um dos meios de pagamento do lobolo, na província de Gaza, no Sul de Moçambique. Este meio de pagamento continua até aos dias atuais e, as quantidades variam consoante as regiões, sendo que no norte e centro de Província<sup>5</sup>, a quantidade de cabeças de gado bovino pode variar entre cinco até dez cabeças, a serem entregues à família da noiva.

Durante a realização do trabalho do campo, o entrevistado F. M. (2023), mencionou um pouco mais sobre a utilização do gado bovino para o pagamento do lobolo no Sul de Moçambique, tendo afirmado que os bovinos exigidos pela família da noiva deveriam servir para o pagamento do futuro lobolo do irmão dela, passando a esposa do irmão ser lobolada com recurso ao gado exigido aquando do lobolo da irmã. Por essa razão, a esposa do irmão é denominada *nyatihomu*<sup>6</sup>. E, neste contexto, desenvolvia-se uma relação familiar muito coesa, onde a esposa do irmão tinha muitos deveres morais e materiais para com a irmã do esposo pelo fato de ela ter sido lobolada pelo gado proveniente do seu lobolo.

A prática do lobolo foi muito desencorajada pelas autoridades coloniais portuguesas durante o período colonial, pois era considerada uma prática tradicional e contra os princípios da política de assimilação<sup>7</sup>, introduzida por Portugal visando converter os povos das colônias em cidadãos portugueses (ISAACMAN; STEPHEN, 1985, p. 24).

---

<sup>3</sup> Ncila refere-se a causa de certos animais, e para o caso em apreço referia- a cauda do leão que aparecia nas notas utilizadas na altura.

<sup>4</sup> Significa vermelho em língua changana, muito falada no Sul de Moçambique.

<sup>5</sup> Destacam-se os distritos de Xigubo, Xicualacuala, Massingir, Massangena, Chókwè, Guijá, Xibuto.

<sup>6</sup> Expressão da língua changana que significa, do gado, ou seja, do meu gado, fazendo referência ao fato de o lobolo dela ter sido pago pelo gado exigido no momento do lobolo da irmã do marido.

<sup>7</sup> A política de assimilação obrigava aos nativos africanos a cumprir uma série de requisitos para receber o estatuto de assimilado, contudo, continuava a ser uma categoria social inferior aos europeus (portugueses). Entre os requisitos exigidos para se ser assimilado destacam-se os seguintes: falar corretamente a língua portuguesa, ter um rendimento que garantisse o sustento da sua família, exercer uma profissão e com um rendimento fixo, ser cristão católico romano, abster-se da prática dos hábitos considerados tradicionais, nomeadamente: culto dos antepassados, poligâmias, e outros tipos de atos considerados supersticiosos.

Em relação ao processo de assimilação, Honwana (2002) destaca que:

“os colonialistas começaram por destruir as estruturas do poder tradicional, o poder das legítimas autoridades políticas tradicionais, assim como o das autoridades religiosas para imporem o seu próprio poder e estabelecerem assim um controle total sobre a população” (p. 126).

Pelo exposto acima, é possível concluir que, durante o período da administração colonial portuguesa, em Moçambique, o lobolo fazia parte dos hábitos culturais a serem desencorajados e os seus praticantes eram considerados conservadores, tradicionalistas e afastados do ideal cultural europeu que consistia em ser um bom cristão católico romano.

Apesar destas restrições impostas pelo poder colonial em Moçambique, o lobolo nunca deixou de ser praticado e de acordo com Martinez (2002), continuou sendo um meio de legitimação das uniões conjugais, sobretudo no meio rural, cuja realização sempre contou com a presença das autoridades políticas locais, tais como o cabo das terras e outras entidades que representavam o poder tradicional local.

No período em descrição, importa destacar que, caso a mulher loboloda abandonasse o lar, o marido poderia exigir de volta as cabeças de gado bovino que tivessem sido exigidas<sup>8</sup> pelos pais da noiva. Assim, a mulher lobolada deveria fazer de tudo para que a relação não se dissolvesse, pois nem sempre os seus pais estariam em condições de restituir o gado e o dinheiro pago pelo genro.

Com a proclamação da Independência Nacional aos 25 de junho de 1975, foi formado um governo novo e de cariz socialista que, inicialmente, introduziu uma política de combate às práticas culturais consuetudinárias e desalinhadas com o ideal da formação do Homem Novo<sup>9</sup>, pois, nelas, incluía o lobolo, que fazia parte

---

<sup>8</sup> No momento da entrega dos bem solicitados (gado, dinheiro, peças de vestuário) era comum os pais da noiva perguntarem a ela se podiam usar tranquilamente os bens trazidos pelo genro e que ela estaria em condições de honrar o bom nome da família no seu futuro lar para que os familiares do noivo não retornassem para exigir de volta tudo quanto tinham trazido. E, geralmente, a resposta da jovem lobolada era positiva, o que de certa forma demonstrava um compromisso, e também denunciava uma atitude de subserviência da mulher em relação ao seu esposo, para garantir a estabilidade conjugal e evitar casos de divórcio, para que não fossem devolvidos os artigos pagos pelo genro à família da noiva.

<sup>9</sup> Homem Novo consistia na formação de uma nova mentalidade, na qual era imprescindível a educação. Seria um homem liberto das ideias velhas, da mentalidade adulterada pela ideologia colonial-capitalista e tribal-feudal, o Homem formado nas ideias e na prática do socialismo. (Samora Machel, 1975). O Homem Novo teve uma dimensão dupla, por um lado serviu para a construção

das práticas consideradas tradicionais, retrógradas e contra a emancipação da mulher que sempre foi o apanágio político da época.

Como prova e exemplo dos argumentos expostos acima, a letra do Hino da OMM<sup>10</sup>, na sua segunda estrofe, destaca a questão da erradicação das práticas costumeiras dos moçambicanos, por serem consideradas retrógradas e alvo de um combate muito severo, visando construir uma sociedade nova, tal como se segue:

### I

Cantemos com alegria o 7 de Abril  
O dia consagrado a mulher moçambicana  
Companheira inseparável do homem engajado  
Na luta contra a velha sociedade exploradora  
Quem é?  
Aquela que produz e alimenta os combatentes  
É a mulher moçambicana emancipada  
Que destrói as forças da opressão

### II

Lutando com firmeza contra as ideias velhas  
Ignorância, obscurantismo, poligamia ou lobolo  
Levando no olhar a certeza da vitória  
Sabendo que a vitória se constrói com sacrifício  
Quem é?  
Aquela que ergue alto o farol da liberdade  
Quem é?  
Que grita ao mundo inteiro  
Que a nossa luta é a mesma  
É a mulher moçambicana emancipada  
Que traz o povo no seu coração

### III

Do Rovuma ao Maputo unamos as nossas forças  
Cimentemos a unidade ideológica do povo  
A Frelimo já traçou a política do povo  
Que deve ser vivida e difundida noite e dia  
Avante  
Avante moçambicanos  
Avante homens e mulheres  
Na unidade, no trabalho e vigilância  
Venceremos a exploração

---

de uma sociedade unitarista, e, por outro para justificar a negação da diferença num contexto em que a prioridade era a de construir-se a nação segundo a percepção da elite do partido que governava o Estado. Nesta perspectiva, o Homem Novo assumiu-se como um projecto de igualdade e fraternidade entre os moçambicanos, mas também de negação total aos que pensavam de maneira diferente as elites políticas do Partido Frelimo.

<sup>10</sup> Organização da Mulher Moçambicana, um braço feminino do partido Frelimo no poder em Moçambique desde a proclamação da Independência nacional em 25 de junho de 1975.

Depois de uma breve leitura ao hino da mulher, é possível constatar que, no período pós-colonial, em Moçambique, buscou-se construir uma sociedade nova, livre de valores coloniais como a exploração, o pensamento colonial-capitalista, por um lado, mas, por outro, pretendia-se libertar dos valores tidos como tradicionais e retrógrados, que evidenciavam uma mentalidade atrasada, o que contrariava os desígnios do estado socialista que estava sendo construído, onde um dos elementos a ser eliminados da dita sociedade tradicional era o lobolo.

As ideias supra-colocadas foram reforçadas pela ideologia da criação de Homem Novo, que, de acordo com Cabaço (2001), foi capaz de trazer uma nova forma de estar, assumindo ideais socialistas, para a construção de um estado de aliança entre os operários e camponeses livres dos hábitos considerados tradicionais e, por isso, alvo de um combate e desencorajamento.

Importa referir que, durante o período da experiência socialista, e no quadro dos discursos da época, tais como fim dos hábitos e práticas tradicionais, incluindo o lobolo, formação do Homem Novo, o lobolo nunca deixou de ser praticado. Mesmo para os membros da OMM, que no seu hino cantavam o fim desta prática social, ela esteve sempre presente e constituía um fator de consolidação das relações sociais na região Sul de Moçambique.

Durante as entrevistas realizadas na cidade de Xai-Xai, B. B. (2003), uma das senhoras membros da OMM, e que exerceu o cargo de secretária provincial da organização em Gaza, afirmou o seguinte:

*O lobolo é uma realidade na zona Sul de Moçambique, a saída de uma jovem da casa dos pais para a casa do futuro esposo ocorre mediante a realização de algumas cerimônias tradicionais, onde o lobolo é uma delas.*

Este argumento justifica melhor o fato de, apesar de ter havido políticas partidárias para a sua erradicação, o lobolo resistiu a corrosão do tempo e sempre foi praticado como um dos ritos tradicionais na zona sul, visando a consolidação da harmonia social e familiar.

A legislação da época em estudo já deixava clara a sua intenção de combater este rito social, tal como se pode constatar no Projeto de Lei da Família de 1978, no seu Capítulo I, Artigo 4 “o Casamento não é negócio e não se destina

a obter em troca qualquer vantagem material para os cônjuges ou seus familiares. O estado combate em particular a entrega de quaisquer valores ou bens a título de lobolo, gratificação, anelamento ou indemnização”.

Nos dias atuais têm sido utilizados muitos objetos para realização do lobolo, e que tem sido acompanhado por certos valores monetários que variam, desde valores mais modestos, tais como 500<sup>11</sup>mt em algumas famílias, havendo casos que o valor atinge os 40000<sup>12</sup>mt.

Não obstante a forte monetarização deste ritual, existem locais em algumas famílias, sobretudo no meio rural, que continuam exigindo que o lobolo seja pago em gado bovino, considerando um meio de compensação nos trabalhos agrícolas, pelo fato da saída da jovem que contribuía com a sua força braçal nas atividades agrícolas. Além do dinheiro utilizado para o pagamento, este ritual é realizado mediante a entrega de certos artigos pelos familiares do noivo com destaque para:

#### **Vestuário:**

- a) Constituído por fato completo (calças, camisa, cinto, casaco sapatos, meias, gravata), adicionalmente o noivo oferece um chapéu circular e bengala para o pai da noiva.
- b) Fato completo para a mãe da noiva, constituído por saia, blusa, lenço da cabeça, adicionam a estes artigos um *mucume*<sup>13</sup> e *vemba*<sup>14</sup>.
- c) Roupa da noiva, que é de acordo com o desejo do noivo, geralmente constituído por um vestido, sapatos e vários objetos de adorno visando deixar a noiva muito elegante e para atender a cerimônia. Neste conjunto das roupas da noiva, é também entregue um anel de ouro com características próprias, que vai ser o símbolo da aliança e união do casal.
- d) Para as tias maternas e paternas: uma capulana para cada uma delas.

---

<sup>11</sup> Ao câmbio actual de 64 mt por cada dólar norte americano, este valor corresponde a 7,8 dólares.

<sup>12</sup> Equivalente a 625 dólares.

<sup>13</sup> Um tecido constituído por duas outras peças de capulanas unidas ao meio por um outro tecido branco, chamado de renda que é geralmente trajado pelas mulheres na região sul de Moçambique, principalmente em eventos como cerimónias de alegria assim como de tristeza e que geralmente cobrem todo o seu corpo.

<sup>14</sup> Uma capulana simples e que deve ser obrigatoriamente da mesma cor que o mucume.

- e) Para as avós paternos e maternas, blusas e ou capulanas e rapé<sup>15</sup>, geralmente colocado em pequenos frascos circulares designados por *dhodzi*<sup>16</sup>.

**Produtos alimentares:** duas caixas de refresco, duas caixas de cerveja, um garrafão de cinco de vinho tinto, uma garrafa de um litro de vinho, um cabrito, algumas galinhas.

Os produtos acima destacados são, inicialmente, apresentados aos familiares da noiva num ambiente restrito em que participam membros das duas delegações, (os familiares da noiva e do noivo). Depois de conferidos, são posteriormente apresentados aos demais presentes, geralmente em grandes alpendres previamente concebidos para o acolhimento do evento.

Segue-se depois o momento da confraternização entre os presentes num ambiente de muita festa e alegria como indicador da felicidade pela consumação da união entre o casal e as suas respectivas famílias.

#### 4. Razões da sua Persistência

São várias as razões que tornam inabalável a prática do lobolo nas sociedades ao sul de Moçambique, com destaque para as seguintes:

- a) Preservação de uma boa imagem para a mulher, pelo fato de ter sido lobolada. A mulher ganha um estatuto digno, sendo vista, socialmente, como alguém que tem responsabilidades pelo fato de ter um marido que a dignificou pelo pagamento do lobolo.
- b) A sua prática constitui um fator de solidificação da relação entre as famílias da noiva e do noivo, o direito de pertença dos filhos principalmente para o grupo de parentesco do pai.
- c) A mulher lobolada fica enaltecida perante a família e a sociedade devido a sua conversão em mulher legítima numa determinada relação,

---

<sup>15</sup> Uma espécie de tabaco não processado e frequentemente utilizado para as cerimônias de evocação dos antepassados em muitas sociedades do Sul de Moçambique.

<sup>16</sup> Recipiente utilizado para a conservação do rapé, podendo variar em termos de capacidades entre os 50 até 100 ml.

mais ainda, este ritual obriga o homem e a mulher a terem um comportamento exemplar ao nível moral e familiar.

O lobolo constitui ainda uma garantia de harmonia social, um fator de sorte para os filhos a serem gerados e, sobretudo, evita a ocorrência de certas enfermidades entre o casal, sobretudo, casos de infertilidade da mulher, a partir do momento em que são comunicados, aos antepassados, a partida da jovem para a nova família. Acredita-se que os antepassados são guardiões da nova união, com tarefa de proteger os noivos e todos os descendentes que provirão da nova união.

Constitui ainda um mecanismo de obrigação moral da mulher em ficar no lar e garantir a reprodução e a sua integração do grupo de parentesco do marido e dos filhos, adicionalmente, o lobolo legitima a relação conjugal. Estes argumentos são elaborados por Granjo (2004), ao afirmar que o lobolo garante a legitimação e controle da descendência, oficializa tradicionalmente a união do casal. Mais adiante, o mesmo autor destaca que é uma cerimônia apropriada como um contrato entre um indivíduo e um grupo de pessoas, com importantes consequências ao nível simbólico e das relações familiares de poder, dependência e obrigação.

De acordo com Matavele (1985), o lobolo é o casamento reconhecido pelo povo e por isso, a mulher não lobolada era vítima de muitos constrangimentos, tanto por parte de outras mulheres, quanto por parte da própria família, que não reconhecia seu estatuto de casada.

Debruçando-se sobre a matéria, Simbine Júnior (2008, p. 67) destaca que o lobolo constitui um fundamento antropológico do africano, pelo que a sua destruição faria pensar que o africano deixou de ser africano. O mesmo autor enfatiza o seu posicionamento afirmando que,

O lobolo é uma instituição que está resistindo a um combate secular em todo o continente africano e contra as forças poderosas que se sucedem. Cada uma dessas forças sonhou e jurou eliminar esta instituição, utilizando diversas táticas de combate (SIMBINE JÚNIOR, 2008, p. 67).

Concordando com os parágrafos anteriores, Ferreira (1975) destaca como funções do lobolo: a compensação feita para a família da noiva, transferir a

capacidade reprodutora da mulher para o grupo familiar do marido, legitimar a estabilidade do casamento, responsabilizar o marido e a sua família pela manutenção e pelo bem-estar da mulher, legitimar os filhos da mulher lobolada e ser meio de aquisição de outra unidade reprodutora para o grupo enfraquecido com a saída de um membro.

## 5. Principais Dimensões do Lobolo

- a) Física: por meio de entrega de objetos duráveis, tais como roupas, alianças, bengalas, produtos consumíveis que são utilizados no decorrer da cerimônia.
- b) Espiritual: a comunicação aos espíritos dos antepassados, por meio da cerimônia do *kupalha*<sup>17</sup>. Destaca-se também, nesta dimensão, o papel desempenhado pelos pastores das igrejas que têm estado presentes no ato e por fazem orações para abençoar o casal e a sua relação conjugal.
- c) Dimensão jurídica: considerando a importância da entrega e aceitação dos artigos solicitados pelos pais da noiva tais como: alimentos, vestuário, valores monetários que constituem o pacto do contrato matrimonial, tornam o lobolo num símbolo jurídico e social da união entre os noivos e entre os seus grupos étnicos.

Uma Prática Social em Reconfiguração: monetarização, e abandono do uso do gado bovino sobretudo devido a sua escassez, realização pós união ou convivência do casal.

O lobolo tem se reconfigurado e apresentado aspectos de convergência entre a tradição e a modernidade, pois a sua principal essência continua intacta, que consiste na legitimação de uma relação conjugal entre um homem e uma mulher. A sua prática continua obedecendo o mesmo sentido, ou seja, é sempre o homem que vai a casa dos familiares da esposa e manifesta o seu interesse em

---

<sup>17</sup> Ato de evocação dos espíritos dos ancestrais, onde são informados da partida para a jovem para o convívio dos familiares do seu esposo.

lobolar, o carácter simbólico da união por meio de sacrifício de animais, oferendas<sup>18</sup>, continuam inalterados, apesar da evolução do tempo.

Apesar desta continuidade da sua essência, de acordo com Mello (1986), existem alguns aspectos que mostram a sua reconfiguração tais como: o envolvimento de valores monetários elevados, principalmente nas zonas urbanas, apesar de ter sido nestes locais em que esta prática era desencorajada, devido ao convívio com o poder político, tanto colonial quanto durante a construção do estado socialista.

Outro aspecto importante a ser destacado na reconfiguração do lobolo, é o seu reconhecimento legal e a sua equiparação ao casamento civil e com mesmos efeitos, tal como se pode constatar na lei da Família (2019), número 2 do artigo 17, “o casamento monogâmico, religiosos ou tradicional, é reconhecido valor e eficácia igual ao casamento civil, quando tenham sido observados os requisitos que a lei estabelece para o casamento civil”. Visando mostrar o carácter oficial e o seu reconhecimento, o Artigo 53 da Lei da Família destaca o seguinte:

É indispensável para a realização do casamento tradicional, a presença de:

- a) Nubentes
- b) Dos representantes das famílias em conformidade com os usos e costumes locais
- c) De duas testemunhas
- d) Da autoridade comunitária.

Mais adiante destaca-se que sem o prejuízo do que se acha disposto a respeito da capacidade civil e pressupostos do casamento, na celebração do casamento tradicional devem ser observados os usos e costumes predominantes nos locais em que se acham integrados os nubentes e suas famílias.

Os dispositivos legais retro-mencionadas são elucidativos quanto ao reconhecimento pelo estado de importância social do lobolo nas sociedades onde é praticado e valorizado, e que vai ao encontro da teoria estrutural-funcionalista de Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown (1973), ao afirmar que cada fenómeno social deve ser interpretado dentro do seu contexto de

---

<sup>18</sup> Existem artigos específicos que os pais da noiva devem ofertá-la no ato do lobolo, nomeadamente: pilão, mala de madeira, esteira, enxada, peneira e bilha para conservação da água. Acredita-se que estes objetos visam permitir que a jovem tenha instrumentos básicos para a sua instalação no seu futuro lar.

produção, e a cultura é formada por instituições e sempre cumpre uma determinada função na sociedade.

## **6. Conclusão**

Ao longo da elaboração deste artigo, foi possível perceber que o lobolo é uma prática antiga no Sul de Moçambique, e foi evoluindo no tempo. Durante o período colonial foi desencorajado pelas autoridades coloniais portuguesas, sob signo de ser uma prática tradicional que não se enquadrava na política de assimilação, dentro da estratégia colonial para a desvalorização da cultura africana, mediante a repressão das religiões tradicionais e outras expressões ideológicas de identidade cultural, com a introdução do cristianismo e da educação missionária básica para os nativos, estruturada de modo a combater as suas crenças e práticas supersticiosas e fornecer-lhes conhecimentos mínimos para servirem o domínio colonial.

Mais tarde com a independência nacional em 1975, o governo socialista em Moçambique combateu o lobolo, considerando-o como uma prática tradicional e retrógrada cujo objetivo era a exploração e venda da mulher, o que contrastava com o projeto socialista de emancipação da mulher e da formação do Homem Novo.

Apesar destas limitações governamentais para a sua prática, o lobolo persistiu às pressões governamentais, reconfigurou-se e sempre foi praticado pelas comunidades e constituiu um elemento muito essencial na legitimação das relações conjugais nas famílias no sul de Moçambique.

Atualmente continua a ser praticado, e legalmente reconhecido por meio da Lei da Família que equipara esta forma de casamento tradicional ao casamento civil e religioso, outrora reconhecido pelas entidades governamentais.

A sua prática mostra-se evolutiva em vários aspectos com destaque para os objetos ou artigos utilizados na sua efectivação, valores monetários envolvidos e sobretudo as diferenças em relação aos locais da sua realização (meio rural e meio urbano).

Por meio da dinâmica social, o lobolo vai se transformando, reinventando-se ao longo do tempo pelas interações sociais dos indivíduos decorrentes de processos socioeconômicos em curso.

## 7.Referências

BAGNOL, Brigitte. **O Lovolo e os Espíritos no Sul de Moçambique**. *Análise Social*. v. 43, n. 187, p. 251–272, 2008.

CABAÇO, José Luis. **O homem novo: breve itinerário de um projecto**. In: SOPA, António Sopa (org). *Samora: homem do povo*. Maputo: Maguezo Editores, 2001, p. 137-146.

FERNANDES, Rhuann Lobolo: celebração litúrgica e tradicional no sul do Moçambique. **Campos - Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 124–134, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5380/cra.v19i2.63709>

FERREIRA, António Rita. **Pequena História de Moçambique**, Edição 188, Universidade de Virgínia, 1975.

GRANJO, Paulo. **O lobolo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais**. *Travessias: Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa*, Rio de Janeiro, v. 4/5 ,2004, p.47-78, 2004.

HONWANA. Alcinda Manuel. **Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-guerra no Sul de Moçambique**, Maputo: Promedia, 2002.

ISAACMAN, Barbara; STEPHEN, June. **A Mulher moçambicana no processo de libertação**, CEA-UEM, Maputo, 1985.

JUNOD, Henri. Alexandre. **Usos e costumes dos bantu**. Volume I. Maputo: Editora do Arquivo Histórico de Moçambique, 1996.

MACHEL, Samora. **Educar o Homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria**. Maputo. Departamento do Trabalho Ideológico. FRELIMO, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw; RADCLIFFE-BROWN, Alfred. **The dynamics of cultural Change: an inquiry to races relations in Africa**. New Haven, CT: Yale University Press, 1973.

MARTINEZ, Francisco Lerma. **Antropologia Cultural- Guia para o estudo**. 6ª ed. Maputo, Paulinas, 2002.

MATAVELE, Alberto Sousa. **Actualidade dos valores da sociedade tradicional**, CEA-UEM, Maputo, 1985.

MELLO, Luís Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis. Vozes, 1986.

MUSSANE, Guilherme Afonso. **A Kuna N'kinga. O Lobolo como foco das representações locais de mudança social. 2009**. 109 f. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Aline Beatriz Miranda da. **Lobolar, Casar e Presentear. Notas Sobre o Lobolo em Moçambique**. *Equatorial*, v. 9, n.17, p. 1-22, julho/dezembro de 2022.

SIMBINE JUNIOR, Rafael. **Celebração Litúrgica do Lobolo**, Ed. Paulinas. Maputo, 2008.